

revista das ideias

D A R W I N

de MARCEL PRENANT — E. S. I. — Paris

por FERNANDO SEABRA

O interessante estudo de Marcel Prenant sobre Charles Darwin foge aos habituais processos biográficos. Não é um acumulado caótico de investigações despidas de interesse feitas por algum rato de biblioteca ocioso; não é também uma colectânea de notas de carácter estritamente científico.

É pelo contrário um conciso estudo psicológico, donde a personalidade do genial sábio sai completamente esclarecida, e uma análise profunda da utilidade social do darwinismo.

Para que o estudo de qualquer actividade humana resulte eficaz é evidente que um completo conhecimento do meio é indispensável para assim melhor se poder evitar certas incompreensões que o estudo exclusivo da obra isolada nos poderia fazer surgir.

Seguindo esse critério, Prenant abre o seu livro com uma reconstituição fidelíssima da atmosfera social, política e religiosa da Inglaterra no início do século XIX.

A miséria do povo, a opressão, a burla das eleições, e a desapareição das classes médias absorvidas pelo crescente progresso do capitalismo industrial, tudo isto é ali pintado com grande cópia de pormenores e transcrições de «La situation des classes laborieuses en Angleterre».

O conhecimento deste panorama social vai ser preciso a Prenant para melhor nos fazer compreender a preocupação básica do seu livro: mostrar-nos a luta constante que se travou no subconsciente de Darwin—talvez mesmo sem ele dela se aperceber—entre o seu espírito naturalmente desmpeinado e o outro—tácito, burguês, falsamente humanitário—que uma educação preconceituosa modelara e fizera surgir no seu interior.

Onde esta dualidade se evidencia mais flagrantemente é no estudo comparado entre a parte exclusivamente científica e a sua correspondência particular.

O espírito irresistivelmente renovador que ressalta da sua obra é constantemente repudiado pelas atitudes burguesas que ele assumia na sua vida social, de tal maneira que dir-se-lhe não serem frutos da mesma inteligência.

«Soi disant» liberal—daquêle tipo especial de liberalismo «comme il convient à un bourgeois qui a sa fortune et ses attaches»—as suas reacções políticas eram quasi sempre condicionadas pelas da grande imprensa que, dantes como agora, traduziam apenas as conveniências duma classe, deformando ao sabôr

dos seus interesses o verdadeiro sentido dos problemas sociais.

Assim se explicam as suas atitudes dúbias em face de problemas como o da escravatura e tantos outros, em que o seu liberalismo se deixou submergir pelas correntes de reacção.

Todavia a enorme força expansiva do seu espírito arguto e justo conseguiu fazer estalar em alguns pontos o verniz duma educação tacaninha.

Assim, logo de início a sua atitude perante a questão religiosa esteve impregnada dum certo cepticismo que o levava a duvidar dos dogmas embora, para não se comprometer socialmente, não o afirmasse senão duma forma vaga revelando, como diz pitorescamente Prenant, «une sorte de matérialisme hon-teux».

Numa carta a Lyell, o geólogo cujas teorias tanto abalarão o castelinho teológico da constituição do globo, encontra-se este trecho que melhor nos pode esclarecer a sua posição religiosa (1):

«Bien de gens semblent s'exprimer sans difficulté, par intuition, sur l'immortalité et sur l'existence d'un Dieu personnel; et je suppose que je dois différer de ces gens, car je ne sens aucune conviction innée sur de tels points.»

Estas palavras onde a dúvida transparece, (não derrotista, mas sim uma dúvida ávida de certeza) revelam já uma inteligência que procura compreender por si só, esforçando-se para isso por se libertar dos preconceitos com que uma educação convencional impediu o livre desenvolvimento dum espírito sem «parti pris».

Mas onde o seu potencial inconformista se revela mais forte, mais avassalador, «malgré lui» é na sua obra mestra «Origin of species» aparecida em 1859 após longos anos dedicados a uma laboriosa colecção de notas.

O ambiente de então, quasi o mesmo que anteriormente hostilizara duma maneira feroz Lamarck e Buffon, embora já mais preparado pelos progressos simultâneos da ciência e da política, reagiu violentamente ante os princípios que abalavam a complicada estrutura do edifício científico-religioso, com grande alarido daquêles que den-

tro dêle dogmáticamente pontificavam.

A origem animal do homem e o derrubar do fixismo vieram opôr-se formalmente às milenares concepções do «geneses», sobre os quais assentava a ciência de então.

Por isso os primeiros ataques ao darwinismo foram de carácter estritamente religioso. De toda a parte choviam críticas igualando-se em agressividade sobre este homem que, simples mortal, negava tão ousadamente aqueles ensinamentos que deveriam ser a eterna norma da frágil argila humana.

Memento homo...

Mas lentamente, à medida que as descobertas antropológicas vinham corroborar a nova teoria, confirmando-a duma maneira inofensável, a teologia viu-se obrigada a ceder parte do seu terreno, acabando finalmente por admitir uma errada interpretação dos textos bíblicos onde, para que eles não fôssem considerados inúteis, se viram obrigados a reconhecer um transformismo implícito.

Ao mesmo tempo uma compreensão do verdadeiro lugar do homem na natureza, substituiu o «antropocentrismo pueril», como diz Jean Perrin, que fazia do homem o vértice para onde convergiam todas as forças da natureza criadas especialmente para o servir, conforme a interpretação bíblica.

É evidente que a enorme força que esta teoria representava não podia ser descurada numa época de efervescência social como aquela, em que as ideias se chocavam com fragor em todos os campos do pensamento.

Assim, a burguesia liberal apoderou-se do darwinismo e brandindo-o como poderosa arma, derrubou com êle os últimos redutos do feudalismo, depois de atacar o pensamento religioso que, como já vimos, se viu forçado a amoldar-se à ideia nova.

Mas, como era de esperar, essa atitude de inconformismo breve se modificou.

Para isso uma facciosa interpretação do darwinismo torceu-o a ponto de com êle dar bases científicas à falsíssima lei de Malthus, depois desta por sua vez ter influído em Darwin quando êle afirma não ter feito mais do que aplicar o malthusianismo aos animais e plantas, afirmando assim serem as reivindicações

sociais apenas a forma humana do «struggle for life».

Esta analogia já negada então por Engels, é aqui repudiada por Prenant da seguinte forma: (2)

«Pour traiter scientifiquement la question et ne pas se borner à une phraséologie vide, il faut voir ce qu'est devenue la lutte pour la vie dans la société humaine, à mesure que l'homme se séparait des animaux ordinaires. Comme l'a entrevu Wallace, en effet, elle a changé de caractère à mesure que l'homme acquerrait des outils. A l'intérieur de l'espèce humaine, elle a été menée essentiellement, non plus par la force corporelle, non pas même par l'intelligence, mais à l'aide des outils et des armes. Et ceci ne revient pas à une lutte d'intelligence comme l'écrivait naïvement Darwin car il n'est généralement pas vrai qu'armes et outils soient possédés par leurs inventeurs et leurs créateurs. A partir du moment où la possession de l'outillage définit des classes dominantes, la lutte pour la vie s'est ainsi muée pour une large part en lutte de classes.»

Pena foi que Darwin, encerrado no meio restrito de sua classe não fosse capaz de compreender os problemas sociais com um sentido de verdadeiro humanismo, sendo preciso, para que da sua obra se patenteasse todo o espírito de revolta nela contido, que dela se ocupassem inteligências profundamente conhecedoras das psicologias populares e dos seus problemas específicos.

Melhor do que nós justifica M. Prenant este paradoxo existente na rica personalidade de Darwin, com estas palavras, fecho do seu livro: (3)

«Bourgeois, anglais de 1840, Darwin est un avant passionné, qui, par honnêteté scientifique, évite les tricheries verbales mais, malgré son génie, ne peut franchir certaines bornes de la pensée. Dans le milieu dont il est prisonnier, il peut douter de la religion, de l'univers immuable de la finalité; il peut concevoir l'homme comme un être matériel. Il ne peut mettre en question les droits éternels de sa classe: c'est pourquoi il n'achève pas son oeuvre en ce qui concerne l'homme.»

Interpréter rationnellement la réalité concrète, de façon à pouvoir agir sur elle c'est penser en révolutionnaire. Darwin a pensé en révolutionnaire jusqu'aux limites qui pouvaient alors accepter et même désirer sa classe. Puis, abandonnant la recherche, il a répété platement les phrases de la morale officielle bourgeoise.»

(1) Darwin—pg. 49.

(2) Darwin—pg. 180.

(3) Darwin—pg. 183.